



Análises

21/05/2011 – Manifestações religiosas fundamentadas em questões políticas: a queima do Alcorão.....p.01

A queima de um exemplar do Alcorão em uma igreja nos Estados Unidos gerou uma onda de protestos no Afeganistão, com várias mortes, inclusive de funcionários das Nações Unidas. Os fatos ocorridos intensificaram a tensão na relação entre os dois países e pode servir como um momento oportuno para se fazer uma reavaliação sobre as condições de ocupação do Afeganistão por tropas estrangeiras.

21/05/2011 – Obama anuncia ao mundo que a “justiça foi feita” – fatos e repercussões no continente americano.....p.06

Após quase 10 anos de Guerra ao Terror, os Estados Unidos, numa operação secreta na cidade de Abbottabad no Paquistão, finalmente encontra Osama bin Laden, um líder da organização terrorista Al Qaeda, responsável pelos ataques de 11 de Setembro. O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, anunciou para o mundo sua captura e morte. As repercussões foram diversas: desde a problemática dos fatos que envolveram a sua morte até os pronunciamentos de diversos chefes de Estado.

Manifestações religiosas fundamentadas em questões políticas: a queima do Alcorão

Análise

Ásia

Márcia de Paiva Fernandes

21 de Maio de 2011

A queima de um exemplar do Alcorão em uma igreja nos Estados Unidos gerou uma onda de protestos no Afeganistão, com várias mortes, inclusive de funcionários das Nações Unidas. Os fatos ocorridos intensificaram a tensão na relação entre os dois países e pode servir como um momento oportuno para se fazer uma reavaliação sobre as condições de ocupação do Afeganistão por tropas estrangeiras.

No dia 20 de março de 2011 um exemplar do Alcorão, o livro sagrado dos muçulmanos, foi queimado em uma igreja protestante na Flórida, nos Estados Unidos da América (EUA). Este episódio gerou críticas em todo o mundo islâmico, mas no Afeganistão a revolta da população foi muito mais intensa. Houve grandes e violentas manifestações incluindo o ataque à instalação da Organização das Nações Unidas (ONU) no país e acarretando em várias mortes. O evento teve repercussão mundial e os principais líderes políticos e religiosos criticaram a queima do texto sagrado, bem como as mortes de civis e demais pessoas inocentes. Ademais, toda essa situação levanta novamente a questão da intolerância religiosa e da situação do Afeganistão após cerca de dez anos da ocupação do país pelos EUA aliados. Tal missão, estabelecida pela UNAMA (Missão de Assistência das Nações Unidas para o Afeganistão), tem por objetivo principal a reconstrução do Estado afegão e o fortalecimento das bases da paz e da democracia no país¹.

Os protestos em resposta à queima do Alcorão

O pastor norte-americano Terry Jones da Flórida propôs, em dez de setembro de 2010, que um exemplar do Alcorão fosse queimado no dia seguinte (onze de setembro) para homenagear as vítimas do atentado ao *World Trade Center*, ocorrido há nove anos, em Nova Iorque. Tal proposta foi veementemente criticada, inclusive pelo governo dos EUA, e ao final não ocorreu. Porém, em 20 de março do ano corrente, o mesmo pastor supervisionou a queima do texto sagrado dos muçulmanos pelo pastor Wayne Sapp em uma igreja protestante na Flórida². Quatro dias depois, a notícia chegou ao Afeganistão gerando uma onda de revolta na população local.

Manifestações contra a queima do livro, inicialmente de caráter pacífico, foram realizadas em várias cidades do país. Em Mazar-i-Sharif, porém, o protesto pacífico logo se transformou em violento e o prédio da ONU sediado na cidade foi atacado pelos manifestantes. Tal ataque provocou a morte de sete funcionários da organização (embora nenhum deles fosse estadunidense)³, além de quatro manifestantes. No dia seguinte, protestos

¹ UN. 2011

² BBC Brasil. 2011

³ Segundo a BBC Brasil, dos sete funcionários da ONU que foram mortos, havia um sueco, um romeno, uma tenente norueguesa e quatro guardas nepaleses.

mais violentos ocorreram em Kandahar, deixando dez pessoas mortas (inclusive dois policiais) e cerca de oitenta feridos⁴.

Alguns dos manifestantes foram vistos, durante os protestos, carregando bandeiras do Talibã⁵ e o governo afegão, presidido por Hamid Karzai⁶, atribuiu esses atentados ao grupo insurgente, embora o mesmo tenha negado a autoria dos protestos. “O Talibã nada tem a ver com isso, foi um ato puro de muçulmanos responsáveis”, nas palavras de um porta-voz do grupo, Zabiullah Mujahid. Os manifestantes exigiram a retirada das tropas americanas do país e gritavam palavras como “Morte à América”⁷.

Repercussão e resposta de governantes

Tanto a queima do Alcorão quanto a violência dos protestos afegãos ganharam repercussão e desaprovação mundial. O próprio presidente afegão alegou que o ataque à ONU foi desumano e que feriu valores islâmicos e afegãos⁸, mas pediu ao Congresso dos EUA que condenasse a queima do texto sagrado e que não permitisse que isso ocorresse novamente⁹.

O presidente dos EUA, Barack Obama, condenou a atitude dos pastores protestantes, alegando que destruir qualquer espécie de texto sagrado é uma atitude de “extrema intolerância”. Porém desaprovou a intensidade dos protestos, da violência e ao atentado e morte de

funcionários da ONU, afirmando que matar inocentes como retaliação é “uma afronta à decência e dignidade humana”¹⁰. Por sua vez, o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, classificou os ataques como “ultrajantes e covardes”¹¹.

Um quadro da situação do Afeganistão

No último relatório semestral para o Congresso dos EUA, o Pentágono reconheceu que a presença de tropas estrangeiras aumentou a violência no Afeganistão, mesmo que tenha conseguido depor o governo do Talibã¹².

Segundo o mesmo relatório, 2010 foi o ano mais violento no país desde a invasão, e ele afirma que 2011 será um ano difícil, pois o Talibã tenta reconquistar áreas de influência estratégica no país e que se capacitou mais para conseguir enfrentar de maneira melhor os ataques das forças de ocupação.

Porém, a relação entre o Talibã, os EUA e até mesmo Osama Bin Laden não é tão recente quanto muitas vezes possa parecer. De forma geral, pode-se considerar que essa relação se iniciou com a ocupação soviética no Afeganistão em 1979. Assim, os EUA passaram a colaborar na formação de grupos contra os soviéticos para que não perdessem áreas de influência na região¹³ (VIANNA, 2002).

Um destes grupos era o Talibã (“Estudantes”, em língua árabe). Este é um grupo de orientação sunita¹⁴, que

⁴ Ministério das Relações Exteriores. 2011

⁵ O Talibã é um grupo formado originalmente por estudantes do Alcorão que conquistou Cabul em 1996, impondo regras de conduta extremamente rigorosas aos afegãos. Foram destituídos do governo com a ocupação do Afeganistão em 2011.

⁶ Hamid Karzai foi estabelecido como presidente de um governo interino pelos Estados Unidos e eleito presidente pelo voto, posteriormente, segundo informação da BBC Brasil.

⁷ BBC Brasil. 2011

⁸ BBC Brasil. 2011

⁹ Veja. 03/04/2011

¹⁰ Ministério das Relações Exteriores. 2011

¹¹ BBC Brasil. 2011

¹² Reuters. 2011

¹³ Os EUA agiram desta maneira por se encontrarem em uma disputa ideológica com a URSS na época. Fortalecendo esses grupos contra os soviéticos, os EUA buscavam conter o avanço de seu rival, bem como aumentar sua área de influência na região.

¹⁴ Os sunitas correspondem entre 80% e 90% da população islâmica. Baseiam-se no Corão e no Suna (livro com escritos do próprio Maomé). As

apresenta suas próprias ramificações, formado no Paquistão durante o período de ocupação soviética no Afeganistão. O Talibã executou um golpe contra o governo tajique de Cabul, a capital afegã, em vinte e sete de setembro de 1996 (ALVES, 2001). O cenário à época desta conquista ainda era propício para que grupos ou partidos políticos emergissem propondo soluções para as crises enfrentadas nos países recém libertados da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). O governo do Talibã, por sua vez, foi marcado por regras extremas de conduta impostas à população¹⁵ e fundamentou-se nos preceitos islâmicos (VIANNA, 2002). Um dos homens que colaboraram na formação e no treinamento do Talibã, embora inicialmente o treinamento não fosse dado apenas para esse grupo, foi Osama Bin Laden.

O ressentimento entre o Talibã (incluindo Osama Bin Laden) e os EUA começou com a primeira guerra no Iraque, principalmente. Na ocasião, Bin Laden ofereceu o serviço de seus guerrilheiros para lutar contra o Iraque na invasão ao Kuwait, mas ficou contrariado quando a Arábia Saudita permitiu que os EUA fixassem bases no país, afirmando que essa ação era uma tentativa do Ocidente de intervir nos assuntos islâmicos e que a Arábia Saudita permitiu a ocupação de solo sagrado por estrangeiros¹⁶ (VIANNA,

2002).

A partir de então, Osama passa a dirigir a rede terrorista Al Qaeda ("A Base", em língua árabe) com o objetivo de eliminar a influência que o Ocidente exerce sobre os países islâmicos, através da violência e realizando discursos pregando a destruição dos EUA (VIANNA, 2002). O maior ato terrorista do grupo foram os atentados ao *World Trade Center*, em Nova Iorque, no dia onze de setembro de 2001, onde mais de 2000 pessoas perderam suas vidas.

Dadas as circunstâncias, o presidente dos EUA à época, George W. Bush inicia a "guerra ao terror" com o objetivo maior de capturar Osama Bin Laden. Como o governo Talibã se recusou a entregar o terrorista aos EUA, o que de fato promoveu a grande divergência entre os países em questão, os EUA invadiram o Afeganistão. A busca pelo terrorista terminou no dia 1º de maio de 2011, quando o presidente dos EUA, Barack Obama afirmou que Bin Laden havia sido morto em uma operação militar estadunidense¹⁷.

De fato, Bin Laden era uma espécie de "herói moral" em muitos países que enfrentam sérios problemas devido à ocupação por tropas estrangeiras, em especial tropas dos EUA. Eles enxergavam em Bin Laden um líder capaz de livrá-los da interferência externa e de possibilitá-los viver conforme suas leis e costumes, mesmo que para isso tivessem que usar da violência. Em seu discurso sobre a morte do terrorista, Obama afirmou que "A morte de Bin Laden marca a realização mais significativa até hoje nos esforços de nossa nação para derrotar a Al-Qaeda. No entanto, sua morte não marca o fim dos nossos esforços"¹⁸. Portanto, os EUA reconhecem que poderão sofrer retaliações

diferentes seitas sunitas incorporam em maior ou menor escala as tradições locais e o consenso comunitário. Enfatizam a necessidade de manter a paz e a segurança entre os muçulmanos. Embora correspondam a um grande percentual da população muçulmana, os sunitas não constituem a maioria em todos os países islâmicos.

¹⁵ Tais regras, por exemplo, proíbem a leitura de livros, de assistir televisão, de cantar, empinar pipas, proíbem os homens de fazerem a barba, as mulheres de pintarem as unhas, de andarem desacompanhadas de um homem da família e com o corpo descoberto pela burca, entre outras proibições.

¹⁶ O território do país foi considerado sagrado por abrigar as duas mesquitas mais importantes

para os muçulmanos: Meca e Medina

¹⁷ BBC Brasil. 2011

¹⁸ BBC Brasil. 2011

por parte de grupos como a Al-Qaeda por terem matado seu “líder”.

Considerações Finais

Diante dos últimos acontecimentos no Afeganistão, algumas questões se apresentam de maneira bem clara. Dentre elas, pode-se citar que, embora atualmente os EUA se definam como inimigos do terrorismo, eles mesmos possibilitaram que grupos dessa natureza se formassem e hoje os legitimam como culpados pela instabilidade nos países islâmicos. Sendo assim, todos os protestos que ocorrem em países islâmicos declaradamente contra os EUA e outros países ocidentais devem ser vistos à luz de suas histórias políticas e das suas relações com o Ocidente, como no caso da queima do Alcorão, e não pura e simplesmente com base em valores e intolerância religiosos.

O que os países que mantêm tropas no Afeganistão deveriam considerar nesse caso específico é a necessidade de se reavaliar as consequências sociais, para além das políticas e militares, de uma intervenção armada em outro Estado. Além disso, deve-se atentar à tentativa ocidental de impor pela força um tipo de regime que se julga melhor sem levar em conta as questões internas do país em questão.

O incidente com a queima do Alcorão e os protestos decorrentes disso levanta, entre outros aspectos, a questão da política adotada pelos países envolvidos com a ocupação no Afeganistão, e que deverá ser reformulada com a morte de Bin Laden. Portanto, esses países devem articular meios que permitam a consecução de certos fins, como a formação de um governo afegão reconhecido como legítimo pela própria população e a realização de reformas necessárias para a garantia dos direitos civis dos afegãos, garantindo sua autonomia e seu rompimento com governos repressivos e com a grande interferência externa.

Referência

ALVES, José Luis. O Afeganistão: no Epicentro do Conflito ou da Estabilidade na Ásia Central. **Departamento de Prospectiva e Planejamento e Relações Internacionais**, v. 02, 2001. Disponível em: http://www.dpp.pt/pages/files/infor_in ter_2001_II_VII.pdf

BBC Brasil

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/04/110401_afeganistao_rc.shtml

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/04/110402_afeganistaoebc.shtml

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/04/110403_afegacoraoebc.shtml

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/05/110502_binladen_obamadts.html

Ministério das Relações Exteriores:

<http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/selecao-diaria-de-noticias/midias-nacionais/brasil/o-globo/2011/04/03/protestos-contraqueima-do-alcorao-deixam-10/?searchterm=Protestos%20no%20Afeg anist%C3%A3o>

Reuters

<http://br.reuters.com/article/topNews/idBRSPE73200420110403?sp=true>

<http://br.reuters.com/article/worldNews/idBRSPE73S0FP20110429>

United Nations

<http://www.un.org/spanish/Depts/dpk o/yir04/ch4.htm#unama>

http://www.un.org/spanish/Depts/dpk o/yir03/Asia-Pacific_peace_operations.htm

Veja

<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/protestos-no-afeganistao>

VIANNA, Alexander Martins. Reações Fundamentalistas – Taliban e o Terror Conveniente. **Rev. Diálogos**, Maringá, v. 06, n. 01, 2002. Disponível em: http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/vol6_atg2.htm 2

Palavras-Chave: Afeganistão, Alcorão, Bin Laden, Estados Unidos, ONU, Protestos, Talibã.

Obama anuncia ao mundo que a “justiça foi feita” – fatos e repercussões no continente americano

Análise
América
Clarice Moreira de Moraes
Rúbia Rodrigues
21 de Maio de 2011

Após quase 10 anos de Guerra ao Terror, os Estados Unidos, numa operação secreta na cidade de Abbottabad no Paquistão, finalmente encontra Osama bin Laden, um líder da organização terrorista Al Qaeda, responsável pelos ataques de 11 de Setembro. O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, anunciou para o mundo sua captura e morte. As repercussões foram diversas: desde a problemática dos fatos que envolveram a sua morte até os pronunciamentos de diversos chefes de Estado.

A população mundial foi surpreendida no dia 01 de maio de 2011 com o discurso do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, anunciando a morte do principal chefe da organização terrorista Al Qaeda¹. Obama anunciara que Osama bin Laden, como é conhecido no ocidente, foi morto em uma operação de agentes da CIA (*Central Intelligence Agency*) e de forças especiais da Marinha (*Seals*²) em um complexo fortificado na cidade de Abbottabad – cerca de 100 km da capital paquistanesa, Islamabad.

Entre incongruências nos discursos a partir de representantes estadunidenses acerca dos fatos que envolveram a operação militar, as polêmicas e as especulações diante o grandioso fato que reafirma uma das maiores preocupações da política internacional atual – a segurança dos países perante a ameaça do terrorismo, a morte de Osama bin Laden ganhou um caráter predominantemente simbólico diante a complexidade do

fenômeno terrorista. Não obstante, comemorações da população salientavam: morrera o terrorista mais procurado de todos os tempos.

O ocidente no geral, e o continente americano em particular tiveram suas reações a partir de representantes de Estado indicando diversas particularidades na política externa desses países, aliados ou não à política externa estadunidense.

O discurso de Obama e de seus representantes

A idéia de que a justiça fora feita marcou o discurso de anúncio da morte de Osama ao mundo. As lembranças do ataque terrorista de 11 de setembro foram mencionadas com tristeza por Obama e com a perspectiva de que naquele momento a população estadunidense se unia a uma ameaça externa que ainda perdura no ambiente internacional. A emergência da Guerra ao Terror³ e a conseqüente invasão ao Afeganistão deram continuidade a um trabalho minucioso da comunidade de inteligência, do Departamento de Defesa e das forças

¹ A Al Qaeda é responsável pelos atentados de 11 de setembro de 2001 aos Estados Unidos da América (EUA).

² Esta denominação refere-se aos atributos especiais da tropa: são capazes de realizar operações no mar (*sea*), no ar (*air*) e na terra (*land*).

³ Estratégia global de combate ao terrorismo adotada por George W. Bush na ocasião dos atentados de 2001.

armadas americanas durante todo esse período em que o maior líder da Al Qaeda era veementemente procurado pelos EUA. A guerra contra o terrorismo não era uma guerra contra o islamismo, afirmou Obama, era uma guerra contra a Al-Qaeda e o terrorismo⁴. Assim, a operação realizada – e contava com pistas desde agosto do ano anterior – era uma ação para capturar Osama e “levá-lo perante a Justiça”. Ao contrário, após um tiroteio as forças estadunidenses tomaram a custódia do corpo de Bin Laden. O presidente Obama afirmou que a morte “marcara o êxito mais significativo até o momento nos esforços em derrotar a Al Qaeda”, mas que, não é uma guerra que tenha acabado pela morte de seu maior líder. As organizações terroristas possuem uma descentralização com algum nível de hierarquia que dificulta a idéia de “morte” ao terrorismo, da mesma forma, possui uma intolerância perante os valores ocidentais.

Quanto ao fato em si, houve uma série de discrepâncias sobre o estado de Osama na hora da invasão na casa, se estava armado ou não, quem estava no quarto onde ele foi morto e se ele haveria utilizado sua mulher como escudo.⁵ Esses fatos descredibilizaram as informações dadas pelos Estados Unidos à imprensa, principalmente com a demanda internacional pela demonstração de imagens e a confirmação da morte de Bin Laden pela Al Qaeda.⁶ Apesar disso a popularidade de Obama cresceu de 47 para 56 por cento nos Estados Unidos com o anúncio da morte de Osama segundo o Jornal *Washington Post*⁷.

⁴ CBS Online. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ElInd3M8-ow>>

⁵ BBC Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/05/110505_versoes_binladen_ac.shtml>

⁶ BBC Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/05/110506_binladen_alqaeda_rp.shtml>

⁷ Época – Edição 677 – 09 mai 2011

Direito Internacional e a operação Militar resultante na Morte de Osama

A incursão estadunidense no território do Paquistão foi feita sem aviso ao governo paquistanês. Essa ação estadunidense não está em conformidade com os pressupostos da Carta das Nações Unidas⁸ de que o uso de força militar em outro país só pode ocorrer se o invasor tiver sido atacado anteriormente por esse país ou em situações sob autorização do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Uma das explicações para isso é o fato da operação ter sido extremamente secreta e importante para a Guerra ao Terror principalmente dos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que há indícios de alinhamento do governo paquistanês com organizações terroristas. Do ponto de vista do Direito Internacional, os EUA poderiam se amparar na “lei de contramedidas”⁹ já que ações teoricamente ilegais poderiam ser dadas em resposta a um ato ilegal anterior, desde que proporcional. Entretanto, no discurso de Obama, ele reiterou que a adoção de uma operação no Paquistão ocorreria caso os EUA soubessem do onde Bin Laden estava, e disse que a cooperação contraterrorismo com o país teria ajudado a localizar o terrorista. Por outro lado, no que diz respeito à morte do terrorista em si, as Regras de Engajamento das Forças Armadas dos EUA (“rules engagement”) normatizam que “um inimigo só pode ser executado se houver resistência armada ou risco real de isso ocorrer”, o que parece não ter ocorrido pelos discursos de que Osama bin Laden se encontrava desarmado e que não havia apresentado resistência.

⁸ Carta das Nações Unidas. Disponível em: <http://unicrio.org.br/img/CartadaONU_VersolInternet.pdf>

⁹ MRE Seleção Diária de Notícias: <<http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/selecao-diaria-de-noticias/midias-nacionais/brasil/epoca/2011/05/09/as-razoes-dos-americanos>>

É importante salientar que os terroristas, além de não fazerem parte de um exército regular ou constituído por um Estado reconhecido internacionalmente, eles não possuem respaldo legal no Direito Internacional, mais especificamente na Convenção de Genebra¹⁰, já que eles não se encaixam nas categorias de “civis” ou “prisioneiros de guerra” no sentido restrito do termo. Esse é um dos fatores que podem ser indicativos às tomadas de decisões do gabinete estadunidenses, a questão de como lidar com o fenômeno terrorista é bastante complexa, o que leva a atitudes unilaterais sem precedentes históricos baseadas na preocupação primária com a segurança da soberania nacional.

Dois pontos demonstraram uma análise acurada da situação pelo centro tomador de decisão de Barack Obama: o corpo de Osama jogado ao mar, após serem feitos os rituais de sepultamento islâmicos, poderiam evitar uma fonte de peregrinação dos seguidores de Osama¹¹. Da mesma forma, apesar da controvérsia internacional de que fotos de Osama deveriam ser mostradas, a decisão se baseia no fato de que a exposição poderia trazer movimentos de revolta pelos opositores e sentimentos de vingança. Neste sentido, há indícios de que a família de Osama reivindicaria a forma com o sepultamento foi feito e que as fotos não publicamente divulgadas serão mostradas aos senadores americanos.

Diferentes reações no continente latinoamericano

A notícia da morte de Osama Bin Laden repercutiu em outros países do continente

americano, seja com manifestações de apoio à atitude dos Estados Unidos, ou contra o governo de Obama e lamentando a ação que resultou na morte do terrorista.

Entre os países da América do Sul a maioria dos governos apoiou a ação dos EUA, apesar de poucos chefes de Estados terem discursado publicamente acerca do ocorrido (apenas os presidentes colombiano e peruano o fizeram). No Chile, o chanceler Alfredo Moreno considerou a morte de Osama como um fato importante no combate ao terrorismo, assim como o governo do Uruguai. Na Argentina, o Presidente do Senado José Pampuro afirmou que a morte de Bin Laden é algo que repercutirá positivamente para a segurança mundial, apesar de ressaltar que a morte não é sempre a solução desejada. Ademais, foi reforçada a segurança em algumas embaixadas no país, como a dos EUA e a Britânica. O ministro da Fazenda do Paraguai, Dionísio Borda, ressaltou que, apesar de que morte alguma deva ser celebrada, neste caso ela significou um avanço para a segurança no mundo. Em Lima, o Ministro de Relações Exteriores José García Belaúnde afirmou que o governo do Peru estava satisfeito com a ação empreendida pelos EUA, que desmantelou “a cabeça” da Al-Qaeda; entretanto, foi enfático ao afirmar, também, que o terrorismo continuará sendo uma ameaça à segurança mundial e às democracias.

Ao contrário das manifestações dos governos do Chile, Argentina, Paraguai e Peru, a Venezuela condenou abertamente a ação dos EUA, e o Ministério Exterior enfatizou que “não se pode combater o terror com mais terror, nem a violência com mais violência¹²”. As comemorações exaltadas em vários países também foram

¹⁰ Convenção de Genebra. Disponível em: <<http://www.icrc.org/web/por/sitepor0.nsf/html/genevaconventions>>

¹¹ Uma pesquisa da Economist demonstra a queda de popularidade do líder. Disponível em: <http://www.economist.com/blogs/dailychart/2011/05/public_opinion_osama_bin_laden>

¹² Estado de S. Paulo. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,venezuela-exige-aos-eua-fim-da-ocupacao-na-asia-apos-morte-de-osama,714137,0.htm>>

criticadas, nas palavras do vice-presidente Elias Jaua¹³, “Não deixa de surpreender como o crime e o assassinato passaram a ser naturais e comemorados pelos governos imperiais. As mortes são abertamente celebradas pelos que bombardeiam”. Além disso, o governo de Hugo Chávez reivindica a saída imediata das tropas internacionais que estão no Afeganistão. Apesar de adotar uma postura contrária à da maioria dos países sul-americanos, o governo da Venezuela deixou claro seu repúdio ao terrorismo e seu compromisso em contribuir para a segurança do sistema internacional.

No Brasil, o Ministro de Relações Exteriores Antônio Patriota afirmou, logo após a notícia sobre a morte de Osama, que temia um aumento no número de atentados terroristas pelo mundo. Ademais, Patriota considerou positivo o resultado das ações empreendidas pelos EUA que resultaram na morte de Osama bin Laden, no que tange ao recente cenário de manifestações no oriente médio a favor da democracia. Em suas palavras, “não deixa de ser uma dimensão interessante no momento em que o mundo árabe se manifesta do Marrocos ao Golfo [Pérsico] por mais liberdade de expressão, por mais democracia¹⁴”. Por fim, o ministro reafirmou a solidariedade brasileira com as famílias das vítimas dos atentados de 11 de setembro “e com aqueles que buscam a justiça” – que, podemos inferir, os EUA e todos aqueles que estão ao seu lado.

Considerações Finais

A morte de Osama não decreta um fim ao terrorismo internacional. Como fenômeno

complexo e imprevisível, os governos do ocidente declararam estado de alerta em seus territórios e em suas embaixadas internacionais. Esses fatores indicam uma continuidade da política externa ocidental, estadunidense e européia, sobretudo em prevenir os ataques terroristas.

Por outro lado, diante a disputa ideológica histórica entre o Ocidente e o Oriente há uma perspectiva de cenário positivo. Os movimentos em busca de liberdade e democracia em países como Líbia, Tunísia e Iêmen demonstram uma mudança de expectativa da população e, principalmente, da juventude em países tradicionalmente governados por ditadores. Longe de se estruturar uma mudança religiosa, principalmente nas vertentes islâmicas mais radicais, é notória a presença cada vez mais ressaltada pela busca por liberdade do regime político desses países e uma maior liberdade de expressão e associação. Ao mesmo tempo, indica-se a queda de popularidade e confiança da opinião pública sobre a representação de Osama nos territórios palestinos, no Egito, na Nigéria e no Paquistão.

Em relação ao posicionamento dos países latinos, percebe-se claramente que a grande maioria dos países continuam a ser parceiros e aliados dos Estados Unidos, mantendo-se a hegemonia regional dos EUA no continente. Entretanto, A Venezuela deixou claro, mais uma vez, seu desalinhamento em relação às ações adotadas pelos EUA e fez duras críticas à ação que resultou na morte de Osama bin Laden. Apesar de a maioria dos países latino-americanos ainda não adotarem práticas anti-terrorismo muito profundas, já existe a preocupação quanto ao transbordamento de ações terroristas para dentro de suas fronteiras. Assim, o que se viu foi uma postura de apoio aos Estados Unidos e o terrorismo foi entendido reforçado como um dos principais problemas de segurança da atualidade.

¹³ Disponível em: <http://www.sidneyrezende.com/noticia/129991+países+latinos+dividem+posicoes+sobre+morte+de+osama+bin+laden>

¹⁴ Veja. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/brasil-teme-onda-de-atentatos-apos-morte-de-osama-bin-laden>

Referência

Al Jazeera

<http://english.aljazeera.net/news/asia/2011/05/20115241936984209.html>

BBC Brasil

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/05/110505_versoes_binladen_ac.shtml

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/05/110506_binladen_alqaeda_rp.shtml

Carta das Nações Unidas

http://unicrio.org.br/img/CartadaONU_VersoInternet.pdf

CBS - Discurso Obama 01 de Maio

<http://www.youtube.com/watch?v=Ellnd3M8-ow>

The Economist

http://www.economist.com/blogs/dailychart/2011/05/public_opinion_osama_bin_laden

http://www.economist.com/blogs/democracynamerica/2011/05/killing_bin_laden

Estado de S. Paulo

<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,governos-da-america-do-sul-parabenizam-eua-pela-morte-de-bin-laden,713769,0.htm>

<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,venezuela-exige-aos-eua-fim-da-ocupacao-na-asia-apos-morte-de-osama,714137,0.htm>

Época - 09 Maio 2011 - Edição nº 677

Folha de S. Paulo

<http://www1.folha.uol.com.br/bbc/910613-analise-morte-de-bin-laden-pode-facilitar-retirada-americana-do-afeganistao.shtml>

Foreign Affairs

<http://www.foreignaffairs.com/articles/67817/shuja-nawaz/the-pakistan-dilemma>

dilemma

<http://www.foreignaffairs.com/features/collections/bin-ladens-legacy>

Foreign Policy

http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/05/02/obl_is_dead_al_qaeda_isnt?page=0,1

http://walt.foreignpolicy.com/posts/2011/04/29/top_ten_examples_of_wishful_thinking_in_us_foreign_policy

G1 - Globo

<http://g1.globo.com/videos/globo-news/morte-de-osama-bin-laden/v/paises-da-america-do-sul-reagem-a-morte-de-bin-laden/1499303/>

International Committee of the Red Cross (ICRC)

<http://www.icrc.org/web/por/sitepor0.nsf/html/genevaconventions>

Le Monde Diplomatique - Blog

<http://blog.mondediplo.net/2011-05-02-La-mort-d-Oussama-Ben-Laden>

MRE - Seleção Diária de Notícias

<http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/selecao-diaria-de-noticias/midias-nacionais/brasil/epoca/2011/05/09/as-razoes-dos-americanos>

U. S. Department of Defense

<http://www.defense.gov/transcripts/transcript.aspx?transcriptid=4818>

Sidney Rezende

<http://www.sidneyrezende.com/noticia/129991+países+latinos+dividem+posições+sobre+morte+de+osama+bin+laden>

Veja

<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/brasil-teme-onda-de-atentados-apos-morte-de-osama-bin-laden>

Palavras-Chave: América do Sul, Barack Obama, EUA, Guerra ao Terror, Paquistão, Osama Bin Laden, Terrorismo.

Conjuntura Internacional

Pontifícia Universidade Católica – MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Vice-reitora: Profª. Patrícia Bernardes

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôrres

Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais: Prof. Danny Zahreddine

Coordenação do Curso de Relações Internacionais: Prof. Danny Zahreddine

Coordenação-Geral: Prof. Leonardo César Souza Ramos

Conselho acadêmico: Prof. Danny Zahreddine
Prof. Rodrigo Corrêa Teixeira
Profª. Liana Araújo Lopes

Membros: Carlos Roberto de Souza Junior; Déborah Silva do Monte; Gabriel Campos Fernandino; Márcia de Paiva Fernandes; Marina Scotelaro de Castro; Pedro Casas Vilela Magalhães Arantes; Rafael Bittencourt Rodrigues Lopes; Raquel Helen Santos Silva; Vinícius Tavares de Oliveira.

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av. Dom José Gaspar 500, Instituto de Ciências Sociais,
prédio 47, sala 105 - Coração Eucarístico - Belo Horizonte -
MG - CEP 30535-901 Tel: (31) 3319-4495 email:

ci@pucminas.br website: <http://www.pucminas.br/conjuntura>